

# **RIOS, BAIAS E CONTINENTES: PAISAGENS NAS ANDANÇAS DAS ÁGUAS.**

## **RIOS, BAHÍAS Y CONTINENTES: PAISAJES EN LAS ANDANZAS DE LAS AGUAS**

**Jorge Luiz Barbosa**

Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense

Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense

**Resumo:** A intenção deste ensaio é tecer um conjunto de reflexões a respeito de representações culturais definidas em localizações geográficas distintas, porém unidas na simbolização ativa da Natureza. Revisitaremos paisagens instituídas e instituintes da cultura *yorubamericana*, para aportar em territorialidades de (re)criação de memórias e de (re)construção de identidades culturais. Rios, baías e continentes são composições materiais e míticas que, envolvidas na construção de *ethos* territorial de grupos socioculturais, marcam as paisagens onde os seres humanos, os deuses e a natureza são parceiros na criação da vida.

**Palavras chave:** cultura yorubá, paisagem, mito.

**Resumo:** La intención de este ensayo es instituir un conjunto de reflexiones relativas a las representaciones culturales descritas en localizaciones geográficas distintas, sino unidas en la simbolización activa de la naturaleza. Visitaremos paisajes instituidos e instituyentes de la cultura *yorubamericana*, para aportar en territorialidades de creación de memorias y de reconstrucción de identidades culturales. Ríos, bahías y continentes son composiciones materiales y míticas que, envueltas en la construcción del *ethos* territorial de grupos socioculturales, señalan los paisajes donde los seres humanos, los dioses y la naturaleza son cómplices en la creación de la vida.

**Palabras clave:** Cultura yorubá, paisaje, mito

### **Introdução**

Cada sociedade inventa e institui significados para a existência da Natureza. Significados que orientam as práticas sociais de incorporação objetiva e subjetiva dos chamados “fenômenos naturais” aos desígnios humanos. Podemos afirmar, inclusive, que a Natureza jamais foi exclusivamente natural, sendo uma componente fundamental do amplo e complexo processo de construção histórica dos modos de vida das sociedades. Este é um dos temas que Espinosa aborda em *A Ética* ao falar de concepções extremamente distintas e opostas de Natureza: *natura naturans* (natureza naturante) e *natura naturata* (natureza naturada). A primeira, *naturante*, é entendida como portadora de forças divinas e simbólicas – portanto, ativa – cujo universo de

significados se realiza em contraposição ao sentido da *naturada*, que corresponde a um mero campo de objetos concretos, coisa simplesmente material e passiva.

A concepção de natureza *naturata* se afirma na visão de mundo cartesiano-positivista, e se torna a expressão mais contundente da destituição de qualquer sentido mágico ou sensível da Natureza. Tratada como coisa material e passiva, a Natureza é convertida à condição de suporte físico que favorece ou dificulta a realização de intencionalidades humanas. Desse modo, a cultura ocidental desses últimos trezentos anos tornou-se uma construção não somente antiecológica, como também antimítica. Por outro lado, ao vigorar como modelo dominante de representação e interpretação do mundo circundante ao homem, a *natureza naturata* explicita, contraditoriamente, a lógica utilitarista que domina as relações humanas.

Sob a égide da cultura racional e abstrata da modernidade burguesa, a Natureza é tomada como um ente extra-histórico, sem nenhuma parceria ou cumplicidade possível com a criação do imaginário cultural das sociedades. Opera-se uma clivagem ontológica que distingue e opõe Cultura e Natureza. Essa matriz de pensamento ocidental moderno significa um movimento de apartamento de tudo que é diferente ou ignoto, tendo como propósito a realização do projeto de fazer homens *os senhores e mestres absolutos do universo*. Repartir, classificar e nomear tornaram-se os jogos de linguagem determinantes das práticas de entendimento e reconhecimento do sentido do mundo; caminho que instituiu a hegemonia de uma forma particular de racionalidade como única e verdadeira instância de afirmação do homem no planeta. Depreende-se daí que o critério de humanidade que passa a vigorar também requer a separação de todas as manifestações que possam estar assemelhadas ao estado da Natureza (!?), uma vez que exprimem o atraso, a irracionalidade e, no seu limite, a barbárie. Explicam-se os preconceitos e o desprezo lançados contra as representações e interpretações da relação homem/natureza consideradas como arcaicas e/ou selvagens, pelo fato de valorizarem os aspectos simbólicos e sagrados da Natureza e, por isso, condenadas pela cultura racional hegemônica à condição de fora da humanidade.

Entretanto, a Natureza não é uma mera coleção de objetos ou simples suporte físico das ações humanas. A Natureza é paisagem. Lugar onde os seres humanos podem se abrir para os mistérios da criação, para as possibilidades de outras temporalidades e, sobretudo, para a invenção do devir. A natureza entendida como paisagem significa a incorporação do natural ao patrimônio simbólico do território, possibilitando a interpretação da Natureza como terreno da criação cultural: passagem de forças do

encontro dos homens com o divino, e, especialmente, dos homens entre si. É desse modo que o geógrafo Paul Claval (2001) entende que a relação dos grupos humanos com a natureza nunca é puramente material, persistindo amplas reservas de percepções e vivências que revelam formas de apropriação sensível daquilo que geralmente é definido com coisa material e passiva. A paisagem é esse registro de subjetivação das relações humanas com a natureza e possibilidade de reconhecimento da totalidade orgânica da Terra:

A Terra não é somente origem, ela é presença. A realidade humana se atualiza como possibilidade, convocando o ser pelo conjunto das presenças que cercam. A Terra se manifesta como atualização que não cessa de se renovar em virtude da função eternizante do mundo (DARDEL, 2011).

Os elementos se unem na paisagem como um todo inseparável na sua diversidade. O cosmos, os céus, os astros, os trovões, as chuvas, as matas, os rios, as montanhas, as planícies e os oceanos se reúnem e se completam como *oikos* do homem e de seus atos. Pensar Natureza como paisagem é empreender uma reunificação capaz de (re)construir as atitudes sensíveis para perceber, sentir, compreender e exprimir a complexidade do ser envolvido no mundo. Portanto a natureza também é matéria e espírito, imaginação e criação, vida e sonho, paisagem de encontros com a vida, com os outros e nós mesmos (TUAN, 1965).

## **1. Corpos d'água, paisagens da memória**

Nas cosmogonias de antigas civilizações, os corpos d'água eram elementos considerados sagrados e representavam o devir das coisas do mundo. Destacando-se especialmente os corpos d'água formados pelos rios, em função de suas influências contraditórias na história da vida humana, pois fecundam e arrasam vales e planícies, carregam no seu dorso caminhos e descaminhos para os viajantes, alimentam e penetram no tecido terrestre para formar lagos e deltas. Herótodo afirmava que o Egito era uma dádiva do Nilo. O mesmo podemos afirmar a respeito dos rios Tigre e Eufrates em relação às civilizações mesopotâmicas, do Amarelo e do Azul para os chineses e, do Indo e Ganges para os indianos. Entretanto, os leitos fluviais não significam apenas fluxos de água doce e veículos de sedimentos que fertilizam terrenos e imprimem a renovação morfológica dos lugares. Os rios significam muito mais do que acidentes geomorfológicos traçados nos mapas. Descendo montanhas e colinas, ou sinuosamente

penetrando em vales e planícies, os rios carregam simbolicamente a existência humana e toda a sua imensidão de desejos, sentimentos, intenções e ações. Seu percurso – nem sempre previsível – pode desenhar uma cartografia como invenção de memórias:

Conhecendo minha própria quantidade,  
(...) chamo todas as minhas raízes, o Ganges, O Mississipi,  
O expresso tufo do Orinoco, o longo fio do Reno, o Nilo, com sua dupla bexiga.  
(CLAUDEL, 1966, p. 49)

Para além da sua importância na cultura material das sociedades, os rios também carregam surpreendentes significações na história dos homens. Para Cirlot (1984), o rio é um símbolo ambivalente por corresponder à força criadora/destruidora da Natureza, representando no seu fluir aplainado e imponente o vínculo perpétuo entre a origem e o fim, entre a parte e o todo. Os rios simbolizam a anunciação permanente da vida.

Em diferentes culturas os rios são deuses purificadores do mal e distribuidores de castigo e recompensas. Os corpos d'água são também corpos da magia. Segundo Heráclito, aqueles que adentram nos mesmos rios recebem a corrente de muitas e muitas águas, e almas exalam-se das substâncias úmidas. Na presença do sagrado, a Natureza é simbólica e ativa. É a paisagem onde o Eu e o Outro não são mais estranhos e, assim, podem se identificar como portadores de uma mesma raiz:

O rio tem muitas vozes, um sem número de vozes: não é, meu amigo? Não te parece que ele tem voz de um rei e as de um guerreiro, a voz de um touro e de ave noturna, a voz de uma parturiente e de uma que suspira, e inúmeras outras ainda?  
(HESSE, 1985, p.116).

Os rios têm muitas vozes para fazer falar o silêncio imposto à Natureza. Carregam no seu fluxo um ressoar de histórias que percorrem terras e, despejadas em lagoas e baías, renascem como ecos viajantes na imensidão do mar. Das falas estranhas e adivinhadas abre-se um vasto leito de comunicação sógnica entre os desejos humanos e as ofertas da história natural da natureza. Através dos corpos d'água podemos percorrer caminhos outrora insuspeitáveis na sua riqueza sócio-cultural. São travessias que definem (re)encontros dos homens entre si e com a Natureza. São andanças que carregam vozes e rostos, desejos e oferendas, tradições e paisagens.

Esse percurso vital de encontros entre a natureza e o humano como expressão do imaginário socialmente construído é uma das marcas da tradição cultural *yorubana*.

Transbordando dos corpos d'água da África e alcançando outros continentes, a cultura dos *yorubás* é plena fluidez renovada de magia e encantamento. É a travessia de rios e mares a nos oferecer generosos princípios éticos de criação e revelação do mundo. É a natureza (re)construída como paisagem de cânticos, rituais e lendas.

## 2. Paisagens nas andanças das águas

Nos *itans* fundadores da cultura *yorubá*, a divindade *Iemanjá* ocupa lugar destacado no panteão mítico. Conta uma das suas lendas que a união entre *Obatala* (céu) e *Odudua* (A Terra) nasceram *Aganju*, os Continentes, e *Iemanjá*, as águas. Desposando o irmão, *Aganju*, *Iemanjá* teria dado a luz a *Orungã*. Ele cresce nutrindo um amor apaixonado pela mãe. Um dia, aproveitando-se de uma ausência do pai, *Orungã* rapta e realiza a sua atração sexual pela mãe. *Iemanjá* em desespero consegue fugir dos braços do filho incestuoso. Seu corpo havia crescido desmesuradamente, como se suas formas se transformassem em serras, montes e vales. De seus seios enormes, como duas montanhas, nasceram dois rios que se reuniram numa mesma lagoa, originando adiante a imensidão do mar. Finalmente, o ventre de *Iemanjá* é rompido para dar a luz aos orixás.

O mito de *Iemanjá* é um dos belos e significativos da cultura *yorubana*, pois nos relata a criação do mundo sob o primado da unidade na diversidade, O mundo é uma construção corpórea, onde o natural e o divino são constituídos simultaneamente como morada do humano. Montes, serras, vales, rios, lagos, mares e orixás pertencem a um território comum, a um corpo comum, a um ancestral comum. No *itan* *yorubano* de *Iemanjá* a Natureza é forma recriada do divino, é vida em movimento e, principalmente expressão da força e continuidade do grupo que reconhece – nos continentes e nas águas – a paisagem de permanência do sagrado. Realizada a grande Obra de *Iemanjá*, o mundo fica povoado de paisagens para refazer o caminho da criação e doar significados ético-estéticos à natureza como protoforma de toda a existência.

*Iemanjá* é o orixá das águas. É a beleza da criação. É o mistério dos rumos das paixões e é também o perigo do inesperado. É a água simbolizada como possibilidade universal da vida e fluidez das práticas humanas. A diáspora dos *yorubás* provocada pela escravidão mercantil dos séculos XVI-XIX fez o culto de *Iemanjá* atravessar o Atlântico e aportar em outros rios, lagoas e baías. Em Salvador (Bahia) como relata

Edison Carneiro em um trabalho de 1936 (*As Religiões Negras*), Iemanjá já mora no Dique, lago existente no Caminho do Rio Vermelho.

Todos os anos, lembrava Manuel Quirino (*A roça africana e seus costumes*, 1934), no dia 2 de fevereiro, os candomblés das circunvizinhanças levam-lhe presentes – leques, perfumes, fitas, pós-de-arroz, colares, anéis – que eram embarcados em saveiros para alcançar o lugar onde as águas do continente e as do mar se encontravam: o reino de *Iemanjá*. Um cântico em homenagem à Rainha das Águas nos apresenta os ricos significados do seu culto deste lado do oceano:

Rainha das Águas, que vem da casa de Olocum.

Ela usa no Mercado um vestido de contas.

Ela espera orgulhosamente, sentada diante do Rei.

Rainha que vive nas profundezas das águas.

Ela anda a volta da cidade.

Insatisfeita ele derruba as pontes.

Ela é proprietária de um fuzil de cobre.

Nossa mãe de seios chorosos.

(Apud. COSTA, 1992, p. 205).

Entre os orixás trazidos à luz pelo ventre de Iemanjá, três estavam associados aos importantes rios do reino mágico-terrestre dos yorubás: Níger, Oxum e Obá. Eles correspondem simbolicamente às divindades femininas Olá, Oxum e Obá. Três rios, três orixás, três mulheres. A própria Iemanjá está associada ao rio Lacau – possível localização original do culto – e ao Ogum (Nigéria), para onde os rituais teriam sido transferidos em virtude de guerras entre clãs, e nas margens do qual ainda estão situados templos em homenagem à deusa das Águas.

Essa associação de divindade – água – mulher – rio é recorrente na imaginação mítica. A água possui significados bastante comuns nas diversas cosmogonias afluentes: fertilidade, pureza, regeneração. Para Eliade (1952), as águas simbolizam a soma universal de virtudes: são *fons et origo*, o reservatório de todas as possibilidades da existência: precedem toda a forma e sustentam toda a criação (p. 110). A água se reveste de poderes da criação, simbolizando o terreno próprio para o devir de toda existência. A associação do poder de geração da água com o elemento feminino é direta,

constituindo um campo de práticas de identificação dos corpos d'água (fontes, rios, lagos, lagoas, mares) com entidades sagradas femininas.

Os *yorubás* cantam as águas sagradas. Águas que representam *Orixás* e a fonte de novos *Orixás*. Águas de uma *natureza naturante* que constitui o *Aiyé* (território do humano) e traça a passagem para *Olorum* (o infinito). É desse modo que as águas aparecem, na cultura *yorubá*, como expressão emblemática da vida, pois simbolizava um dos sangues de *Axé* (princípio de realização) e a veiculação da força do poder genitor feminino. Porém, não é o sêmem, ou a água das chuvas, o veículo da fertilidade. São as águas dos rios, regatos, lagos e baías que constituem o sangue branco da terra, síntese que cria a infinitude dos possíveis do universo. É desse modo que as paisagens das águas-rios constituem o *Òké Ipòri*, uma matéria genitora mítica:

O Ipòri é o que chamamos de o *Òké Opòri*.

*Òké Ipòri*, assim que ele é chamado e existe

Para cada ser humano. É como o local

Onde o rio começa seu curso é que chamamos o *Ipòri Odò*.

A nascente de um rio, a origem de um rio

A partir da qual o pequeno regato se alarga e corre.

Assim também é para os seres humanos. É aí que

O *Orixá* apanhara uma porção para criar pessoas,

É assim que é chamado o *Ipòri* das pessoas.<sup>1</sup>

(Santos, 1983, p. 205).

Matas e folhas, colinas e rochas, areias e conchas são porções com as quais os *orixás* criam as pessoas e, ao mesmo tempo, são entes-forças representativos dos *Orixás* que as pessoas devem adorar. As lendas e rituais *yorubanos* instauraram a paisagem do sagrado como força de identidade dos homens com a Natureza, cujas demarcações/inscrições espaço-temporais são sempre qualitativas. É nesse sentido que Eliade (1952) nos fala do encontro dos seres humanos com outra geografia.

Encontramos-nos na presença de uma geografia sagrada e mítica que presume ser a única real e não um projeto de um espaço e de um mundo que não habitamos nem

---

<sup>1</sup> Recitação do *Odú Èji-oghè* e *Odá tùwa*.

conhecemos. Na geografia mítica, o espaço do sagrado representa o espaço real por excelência, pois o mito é real para o mundo arcaico, sendo a revelação autêntica da realidade.

A geografia sagrada é portadora de símbolos, valores e tradições que são transferidas às gerações futuras, constituindo um conjunto de princípios éticos de relação entre os membros de uma mesma comunidade e com a paisagem *naturante*. É o que nos esclarece a seguinte lenda do poder de criação de orixás das águas:

Olocum, a senhora do mar, e Olassá, a senhora da lagoa, andavam ocupados. As águas já não eram suficientes para suprir as necessidades do povo, que padecia da sede provocada pela longa seca. Olocum e Olassá foram aos pés de Orummilá, que as aconselhou a fazer oferendas para que a abundância das águas retornasse. Era um sacrifício enorme para ambas, mas Olocum cumpriu o recomendado. Olassá, porém, ofereceu seus sacrifício incompletos.

E veio a chuva e choveu tanto que as águas não cabiam nos cursos dos rios. Oxum, o rio, foi consultar Ifá para saber que o destino dar ao curso de suas águas. Oxum foi orientada para procurar um lugar onde fosse bem recebida. Ela reuniu as águas do rio e seguiu caminho. Então, encontrou a lagoa (Ossá) e nela precipitou, mas as águas da lagoa transbordaram. Oxum deixou a lagoa e chegou ao mar, Ocum, e ali derramou todas as águas e o mar recebeu o rio Oxum sem transbordar. Todos os rios fizeram o mesmo caminho e se lançaram nas águas no mar. E Olassá teve que se conformar com seu segredo posto. Olocum fez corretamente o sacrifício. Olocum é a Rainha de todas as águas. (Apud. PRANDI, 2001, p. 402-403).

Sacrifícios e renúncias podem mudar os caminhos do destino. As recompensas virão na direção daqueles que se empenham no cumprimento de suas obrigações e daqueles que se tornam capazes de abrigar o Outro. No fundo são as águas correntes dos mitos. A redenção não é o resultado de uma espera conformista, é sobretudo um movimento de forças capazes de fazer da vida uma criação permanente e de instituição do *ethos* sociocultural. Trata-se de um abraçar a existência nas suas múltiplas dimensões e vivenciar o sagrado como virtude e compromisso com o fluxo pleno da vida. Essa é uma das revelações que se apreende quando Oxum salva a Terra da seca.

Uma vez Olodumare quis castigar os homens. Então levou as águas da Terra para o Céu. A terra tornou-se infecunda. Homens e animais sucumbiam pela sede. Ifã foi consultado. Foi dito que se fizesse uma ebó. Com bolos, ovos, linha preta e linha branca, com agulha e uma galo. Oxum encarregou-se de levar o ebó ao Céu. No caminho Oxum encontrou Exu e

ofereceu-lhe os fios e agulha. Em seguida encontrou Obatalá e lhe entregou os ovos, Obatalá ensinou-lhe o caminho da porta do Céu. Lá chegando, Oxum encontrou um grupo de crianças e repartiu com elas o bolo que levava. Olodumare viu tudo aquilo e se comoveu. Olodumare devolveu à Terra a água retida no Céu e tudo voltou a prosperar (Apud. PRANDI, 2001, p.339-340).

A saga de *Oxum* nos apresenta uma das mais profundas lições para todos os que pensam a riqueza como acumulação de bens materiais. *Oxum* reparte os presentes entre os que encontra no caminho. Seu gesto simboliza o alimento da graça divina; é repartindo que se faz a festa para todos, porque a vida precisa ser feita da mais pura alegria. Da oferta vem troca e, da troca, reveinta-se a diversidade como princípio reunificador dos entes e dos seres na habitação do mundo. *Olodumare* faz as águas retornem à Terra como recompensa para os atos generosos de Oxum. A prosperidade volta com um sentido diferente: é repartindo que a riqueza aumenta.

Os deuses gostam de fazer a festa. Sem festa não é possível vivenciar o sagrado. A festa faz o mundo viver a alegria da diversidade das cores, das formas, dos seres sagrados e mundanos, dos vivos e dos mortos. A festa é a dádiva sagrada realizada entre o Céu e a Terra, pois os seres humanos reencontram seus orixás genitores e seu *eguns* (ascendentes terrenos representativos do grupo.). O divino faz a travessia revelando-se para os homens na efemeridade dos entes do *àiyé*. Trovões e relâmpagos, árvores e folhas, rochas e estrelas, rios e cachoeiras, lagoas e mares traçam semelhanças mediadoras entre o sagrado e o humano, estabelecendo a habitação da história na presença do duplo como princípio da existência. Perene e efêmero, sagrado e profano, tempo e espaço, material e simbólico, homem e natureza constituem obras de um mesmo território existencial celebrado pelas tradições *yorubanas*.

O sangue branco do Axé fecunda os territórios, transforma a natureza em paisagem em outras latitudes, isto porque é poder não somente genitor da vida terrena, mas da outra vida como reencontro com o infinito. As águas são corrente primaveris para reconstrução de princípios milenares, não há distância que as impeça de brotar ou continentes que estanquem esse percurso. E os mitos reaparecem inesperadamente como força do reencontro possível com os eventos primordiais que consolidam o *ethos* da *nação yorubana*:

Eu me ergo sobre o mar de orla branca

Suas profundezas são minhas, sua altura espelhada:  
É meu o seu melancólico lamento de mistério,  
Toda minha a sua jubilosa canção de prazer.  
É minha a sua alma vigorosa; é meu seu corpo;  
Eu me banho em seu abraço gentil;  
Em sonhos sobre a sua flutuante água salgada  
Ele me devolve uma face acariciada.  
Talvez ele me ajude a entender  
A linguagem do infinito,  
O segredo da areia móvel,  
O testemunho do mar.  
Estou acima de toda a circunstância  
Estou além de todo o poder de ferir  
Não recuo mais da lança da dor  
Assim, com toda força, seu cercado.  
(STUART, 1916, p.85).

“Mar de Paz” é uma ode à viagem de volta, ao reencontro da humanidade e natureza sufocada nas plantations do Sul dos Estados Unidos. O canto é a busca de retorno ao mundo das águas como passagem para o *orum*. A água do mar é recurso e abrigo para uma experiência de vida cansada da dor e dos sofrimentos impostos aos seres humanos subsumidos no cativeiro. Entretanto, a desterritorialização do corpo escravizado não se realiza completamente. A viagem não significa morte, mas a possibilidade de renascer para a vida verdadeira, para o abraço do eterno.

No Mar da Paz o ser humano e a natureza misturam seus corpos, revelam-se em no outro com duplos da mesma existência. Corpos d’água são corpos do sagrado que permitem a travessia sem dor, além de toda a circunstância. As águas são passagens no Níger e no Mississipi, nos deltas e baías do Oeste e do Leste do Atlântico. O sangue branco da terra cria suas geografias para espelhar, nas profundezas da liberação, outro modo de seu poder genitor como linguagem do infinito. Os sentimentos e desejos podem flutuar nas águas e, acolhidos por *Olocum*, ganham o caminho que os conduz ao reino de *Olodumaré*. As águas representam o renascer para uma nova vida. É ciclo sem fim, é puro e eterno (re)começar da África na América. Terras e as águas tecem um

universo de valores e princípios de uma cosmovisão na qual a natureza emerge como parceira do devir dos seres humanos.

Nas andanças das águas as paisagens ganham a força simbólica de identidade comunitária que percorre continentes visíveis e invisíveis. É a força que faz e refaz a vida dos homens, dos deuses e da natureza em um movimento de unidade na diversidade das existências. Na tradição cultural *yorubana* a Natureza é paisagem, passagem que conduz os homens ao encontro com o sentido de toda a criação: viver a vida com alacridade.

## **Bibliografia**

- BERQUE, Augustin, **Les Raisons Du Paysage**. Paris: Hazan, 1995.
- CARNEIRO, Edison. **As Religiões Negras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- CIRLOT, Juan-Eduardo, **Diccionario de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.
- CLAVAL, Paul. Champs e Perspectives de la Geographie Cultural. **Geographie et Cultures**, n 40, 2001. p. 5-28.
- CLODEL, Paul. **Cinq Grandes Odes**. Paris: Gallimard, 1966.
- COSTA, Carlos José. **Os deuses africanos são as forças da Natureza**. São Gonçalo: Gráfica Napoleão, 1992.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ELIADE, Micrea. **Images et symboles**. Paris: Payot, 1952.
- ESPINOSA, Baruch. Ética. **Os Pensadores**, Volume II. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- FONSECA JUNIOR, Eduardo. **Dicionário Antológico da Cultura Afro-brasileira**. São Paulo: Maltese, 1995.
- HESSE, Herman. **Sidarta**. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- NEGRÃO, Lisias N. **Entre a Cruz e Encruzilhada**. São Paulo. Edusp, 1996.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SANTOS, Joana Elbein dos. **Os Nãgôs e Morte**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- STUART, R. McEnery. **Plantation Songs, and other verse**. The Lybrary of Congress: Washington, 1916.
- TUAN, Yi-Fu. Environment and World. **Professional Geographer**. Volume 17, n° 5: 1965. p. 6-7.